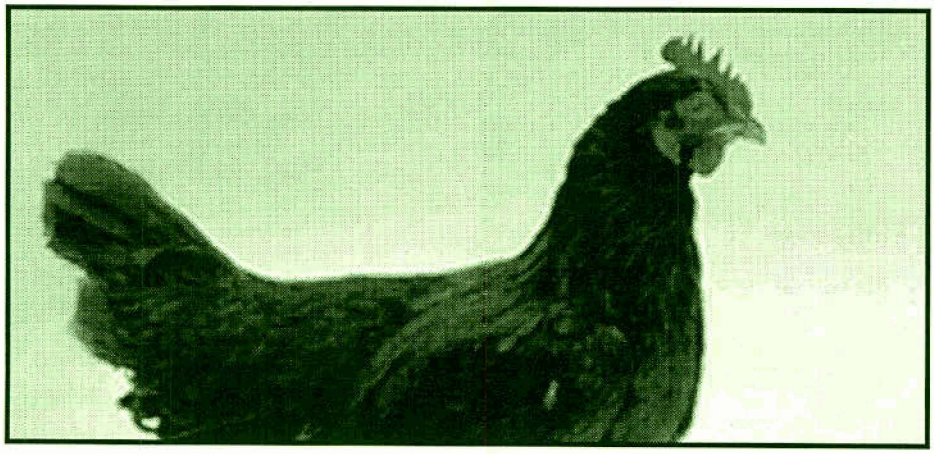
FRANGO

IRENE RAGUENET TROCCOLI

A crise asiática e o frango brasileiro

O mau resultado do faturamento com pedaços de aves se explica em parte pelo colapso dos mercados financeiros de diversos países asiáticos, região que reúne os maiores compradores de cortes avícolas brasileiros.



Até outubro do ano passado, a Associação Brasileira de Pintos de Corte – Apinco – contabilizou a produção de carne de frango em 3,7 milhões de toneladas, 9% acima do valor de um ano antes. Este novo recorde reflete o benefício que as baixas cotações do milho, seu principal insumo, trouxeram ao segmento. Os preços da carne continuam convidativos para o consumidor final e o consumo de carne avícola *per capita*, ao que tudo indica, deve ter atingido 24kg no final 1997.

O segmento exportador celebrou no ano passado um patamar de vendas ineditamente elevado. De acordo com dados da Associação Brasileira de Exportadores de Frangos – Abef, de janeiro a outubro venderam-se 546 mil toneladas, 17% a mais do que o verificado no mesmo período de 1996.

Nem tudo são flores

Mas houve também obstáculos a vencer. O primeiro foi que a participação das vendas de partes de aves (segmento mais lucrativo devido ao maior valor agregado dos produtos) diminuiu cerca de 5 pontos percentuais ante os 48% de um ano antes. O segundo foi que o preço médio obtido por esses produtos diminuiu quase 10% no período, decrescendo para US$1.553/t FOB. O fato de a arrecadação global das vendas – US$745 milhões FOB – ter sido 9% superior à do mesmo período de 1996 deriva exclusivamente do maior volume exportado, já que o preço médio da carne avícola decresceu 7% no período.

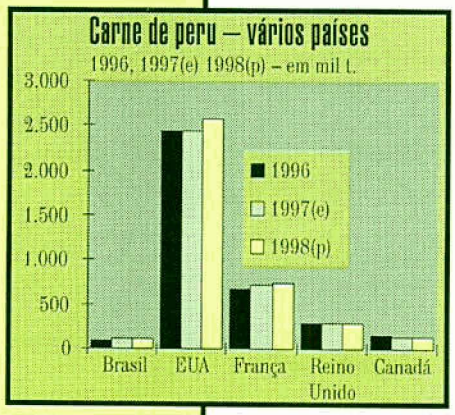
O mau resultado no faturamento com os pedaços de aves se explica em parte pelo colapso dos mercados financeiros de diversos países asiáticos em outubro. A região reúne os maiores compradores de cortes avícolas provenientes do Brasil. A forte e súbita desvalorização de suas moedas implicou menor competitividade aos produtos brasileiros que importam. Hong Kong e Cingapura compraram do Brasil quase 68 mil toneladas de partes de aves entre janeiro e outubro do ano passado, 29% do total exportado no período. O preço médio obtido, US$ 899/t FOB,

Carne de peru pode ser um bom negócio

Os números disponíveis vêm do Departamento de Agricultura dos EUA – USDA, porque os próprios brasileiros parecem não dar muita importância a este segmento. O Brasil está em vias de produzir 101 mil toneladas de carne de peru em 1997, 15% das quais terão sido exportadas. Pode parecer pouco em comparação com 4,4 milhões e 749 mil toneladas previstas pelo mesmo departamento respectivamente para a produção e a exportação brasileiras de carne de frango. No entanto, dentro do seu universo, os números são significativos.

Em relação aos 18 países mais importantes no segmento, o Brasil desponta como sétimo maior produtor e quarto maior exportador de carne de peru. Além disso, dado o volume ainda pequeno produzido internamente, há considerável potencial inexplorado neste nicho. Enquanto o crescimento acumulado da produção mundial entre 1994 e 1997 foi de 18%, no caso do Brasil esse indicador alcançou 61%, e o volume da produção brasileira cresceu 11% ante a mundial.

Os norte-americanos – donos de mais de metade da carne de peru produzida no mundo para comercialização – estão muito atentos ao potencial representado pelo comércio exterior, em especial no caso dos mercados asiáticos. Afinal, nos oito primeiros meses de 1997, suas vendas a esses países foram as grandes responsáveis pelo avanço de 53% registrado em termos totais (apenas para Hong Kong o crescimento chegou a 450% no período). Parte desse sucesso se deveu à ocorrência de febre aftosa no rebanho suíno de Formosa, importante supridor de carne de porco às nações vizinhas, no início de 1997. A doença provocou aumento substancial no preço do produto na ilha, o que, por sua vez, empurrou para cima o preço da carne de peru, que substituiu a suína na indústria de processamento de carnes. As exportações da carne de peru dos EUA à Ásia visaram sobretudo à carne de peru moída e à carne mecanicamente separada, que se misturam melhor com outras para o fabrico de salsichas.



Exportações brasileiras de carne de frango por países de destino

Janeiro a outubro de 1997 - em t

Destino	Inteiro	Cortes	Total
Argentina	30.008	3.877	33.885
Paraguai	170	138	308
Alemanha	1.323	16.489	17.812
Itália	1.695	2.039	3.734
Espanha	2.248	16.946	19.195
Reino Unido	0	7.756	7.756
Arábia Saudita	153.629	5.067	158.696
Bahrein	6.091	1.105	7.196
Catar	9.909	963	10.872
Kwait	23.610	1.812	25.422
EAU	21.238	2.250	23.488
Angola	5.324	3	5.327
África do Sul	48	4.290	4.338
Japão	3.664	77.845	81.509
Hong Kong	2.757	58.600	61.357
Cingapura	8.092	9.271	17.363
Rússia	30.774	146	30.920
Outros	11.920	24.882	36.803
Total	312.499	233.479	545.978

Fonte: Abef.

Contaminação pode gerar negócio da China

Em dezembro último o mundo da avicultura foi surpreendido pela morte de seres humanos em Hong Kong, causada por pneumonia associada a influenza aviária, contraída pelo contato com frangos e galinhas provenientes da China continental. Causou surpresa não o rebanho avícola chinês estar contaminado – afinal, a doença, popularmente conhecida como gripe aviária e causada pelo vírus H5N1, não é novidade na atividade. O espanto foi em relação à contaminação de seres humanos, uma vez que até então só pássaros eram contaminados.

Os cientistas explicaram que o vírus teria sofrido uma mutação genética que lhe teria possibilitado infectar também humanos que tivessem contato com aves vivas. Isto explicaria, portanto, por que as mortes teriam acontecido no ex-protetorado britânico, que é grande comprador de aves vivas da China continental. A Organização Mundial de Saúde, por sua vez, tentou acalmar o princípio de pânico, informando que transmissão da doença entre humanos era "relativamente ineficiente". O que não impediu, entretanto, que autoridades de Hong Kong – que compra da China 75 mil cabeças de aves/dia – baixassem proibição incondicional a importações do produto à véspera do Natal.

No final de dezembro, porém, a situação ficou mais séria, pois passou-se a suspeitar da possibilidade de transmissão do vírus por contato pessoal. Imediatamente, o governo de Hong Kong determinou o sacrifício e incineração de todas as aves no território, estimando-se que 1,3 milhão de galinhas e frangos e número indeterminado de outras espécies avícolas passassem por este processo.

Equipados com tanques de dióxido de carbono e usando trajes e máscaras faciais clínicos, funcionários do Departamento de Agricultura e Pesca foram deslocados para o abate dos animais em criatórios e mercados atacadistas de Hong Kong. Com este esforço concentrado, buscou-se barrar um eventual processo epidêmico semelhante ao da gripe Hong Kong, que vitimou 46,5 mil pessoas no mundo todo em 1968.



Como o incidente é recente, seus efeitos sobre a avicultura internacional e sobre o comércio entre países ainda não estão definidos. Mas o lugar de destaque no cenário mundial que ocupam China (23% da produção, 19% das importações e 9% das exportações) e Hong Kong (18% das importações) explicam por que o presidente do USA Poultry & Egg Export Council rapidamente muniu seus clientes em pontos varejistas de Hong Kong com material publicitário alertando quanto a vantagens da carne importada dos EUA.

Até o momento, especialistas em sanidade animal insistem em afirmar que não existem riscos de contaminação humana pelo vírus H5N1, desde que a carne e os ovos das aves sejam bem cozidos. Pelo sim, pelo não, a companhia aérea Cathay Pacific Airways decidiu banir de seu cardápio de bordo receitas à base de carne avícola em vôos iniciados em Hong Kong.

As vendas de partes de aves (segmento mais lucrativo devido ao maior valor agregado dos produtos) diminuíram cerca de 5 pontos percentuais sobre os 48% de um ano antes.

foi 25% inferior à média verificada em 1996.

Resta o consolo de que a situação não é melhor para EUA e França, nossos maiores competidores. No caso dos EUA, embora tenha estimado para 1997 exportações avícolas 8% superiores às de 1996, o USDA observou que os mercados asiáticos (destino de 32% das vendas norte-americanas em 1996) vêm perdendo força como compradores. A curto prazo, a demanda externa em 1998 deverá manter-se desacelerada na Rússia e em Hong Kong, que adquiriram 60% das exportações norte-americanas de janeiro a agosto de 1997. Ao mesmo tempo, espera-se um acirramento na competição por parte da China, do Brasil, da UE e da Tailândia, que juntos deverão exportar praticamente a mesma quantidade que os EUA em 1998. Com este cenário, o USDA avalia que as vendas dos EUA ao exterior consigam avançar apenas 3% em 1998.

A posição da França é mais frágil do que a norte-americana. O país luta com dois complicadores. Um deles é o grande *gap* que separa seus custos de produção daqueles mais baixos verificados nos criatórios dos concorrentes instalados no Brasil e em alguns países asiáticos (ver *Agroanalysis*, de janeiro de 1997).

O segundo é a pressão internacional cada vez mais incisiva do Brasil para que se criem compensações aos subsídios que o governo francês aplica às suas exportações (no final de 1997, por exemplo, a Abef informava que a Europa aumentara em mais de 30% o montante desta proteção). Recentemente o diretor do Instituto Técnico de Criação Avícola da França manifestou-se favorável à busca de nichos do mercado externo onde haja menor competição, tais como os de cortes não-congelados de aves ou de carne avícola pré-processada para os mercados da UE.

E-mail: iragtroc@fgv.br